

CIES e-WORKING PAPER Nº 44/2008

**“De *Johnny Guitar* à incerteza implícita no novo: a vida de todos os dias
como compasso da mudança das relações de género na família”**

BERNARDO COELHO

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Bernardo Coelho é sociólogo, investigador no CIES-ISCTE. Principais domínios de investigação: sociologia da família, relações sociais de género e sexualidade. Membro da equipa de investigação do projecto “*Social Quality and Changing Relationships between Work, Care and Welfare in Europe – Workcare*” (FP6, Comissão Europeia). Doutorando em Sociologia no ISCTE, a desenvolver uma pesquisa sobre prostitutas acompanhantes e os seus clientes. E-mail: bernardo.coelho@iscte.pt

Resumo

Johnny Guitar (filme de Nicholas Ray, 1954) permite criar um imaginário comum e contextualizador, funcionando como metáfora analítica para as transformações hesitantes das relações sociais de género e recomposições incertas da masculinidade que têm lugar no *plateau* da família. Apesar da popularidade de valores modernistas legitimadores da igualdade, da liberdade de escolha, que desconstróem ideias tradicionais da feminilidade e da masculinidade hegemónica, estes movimentos não anulam uma força social de uma outra ordem de género estruturada na desigualdade, coexistindo dois tempos: o da transformação e o da continuidade. O que nos interessa aqui é analisar o que se esconde nesta incerteza que acompanha a emergência de novos sentidos da masculinidade, da feminilidade e da família. Área cinzenta do quotidiano ocupada por processos negociais e de recomposição das relações de género, do lugar do homem na família e, de forma mais particular, pelas reconfigurações no que significa ser-se homem e mulher.

Palavras-chave: relação de género, masculinidade, feminilidade, família, recomposição

Abstract

The film 'Johnny Guitar' (Nicholas Ray, 1954) allows us to create a common, contextualising set of images, operating as an analytical metaphor for hesitant changes in the gender social relations and uncertain recompositions of masculinity that occur on the family plateau. In spite of the popularity of modernist values justifying equality and freedom of choice, which deconstruct traditional ideas of femininity and hegemonic masculinity, these movements do not cancel out the social force of another order of gender structured on inequality; two times coexist: that of change and that of continuity. What interests us here is to analyse what is hidden in the uncertainty accompanying the emergence of new meanings for masculinity, femininity and family. A grey area in daily life, occupied by processes of negotiation and recomposition of gender relations and the man's place in the family and in a more particular way, the reconfigurations of what it means to be a man and a woman.

Keywords: gender relations, masculinity, femininity, family, recomposition

Introdução¹

Apesar da referência cinematográfica, não nos interessa aqui avançar com uma qualquer crítica, nem tão-pouco revisitar *Johnny Guitar* (1954). Antes, procuramos perceber o que nele existe de disruptor na concepção, experimentação e significação das relações de género. Porque a transgressão que acontece na obra de Nicholas Ray permite criar um imaginário comum e contextualizador, funcionando como metáfora analítica, ou guião para o desvendamento e interpretação de transformações hesitantes das relações sociais de género e de recomposições incertas da masculinidade que têm lugar no *plateau* da família.

Johnny Guitar aparece como um movimento de ruptura na iconografia masculina que domina os filmes *western*, eles próprios dominados pela afirmação de uma masculinidade que se impõe pela violência. Este filme coloca as mulheres como protagonistas nas lutas de afirmação simbólica, remetendo o homem e a masculinidade para o espaço da observação do acontecido – desconstruindo através de imagens a masculinidade hegemónica (Connell, 1987 e 1998). Afirma, desta forma, uma nova posição das mulheres, não só na cultura iconográfica hollywoodesca, mas também colocando a mulher no papel de protagonista, de produtora simbólica e objectiva das relações sociais quotidianas.

Vienna (Joan Crawford) é uma mulher forte num mundo de homens que deviam ser fortes mas acabam por se revelar frágeis. Ou de outra forma, é uma mulher-sujeito (Torres, 2004) num mundo de homens que se vêem em perda do monopólio da construção simbólica do mundo. Emma (Mercedes McCambridge), a sua rival, no amor e no poder, manipula a turba de homens da cidade. Johnny Guitar (Sterling Hayden) é um pistoleiro sem revólver, que percebe que apenas será aceite por Vienna abdicando da violência. Um homem que, para reconquistar amor de uma mulher, desiste da masculinidade que se afirma hegemónica através da agressividade e da detenção dos meios de repressão e de violência. Emma quer apenas aquilo que Vienna já tem. Vienna quer apenas um homem que a ame. “Nem bom nem mau”, apenas alguém que possa amar. O desejo é um diálogo trocado entre dentes, recorrendo a meias palavras, desdêns

¹ Uma primeira versão deste *working paper* foi apresentada no Seminário Internacional *Amar e Trabalhar na Europa*, organizado pelo CIES-ISCTE nos dias 14 e 15 de Fevereiro de 2008. Os dados do *European Social Survey 2004* que aqui se apresentam têm origem no projecto “*Social Quality and Changing Relationships between Work, Care and Welfare in Europe – Workcare*” (FP6 – Comissão Europeia) coordenado pela Prof. Doutora Anália Torres.

e insinuações a cada frase. Falo de um *western*? Pensando bem, *Johnny Guitar* não é um filme romântico nem um *western*. É um ensaio em imagens sobre a relação entre homens e mulheres, tendo em conta as diferentes configurações e variações que podem tomar pela distribuição desigual do poder.

O conceito de género apresenta-se como princípio fundamental, não só de diferenciação e organização social, mas também de construção de determinadas visões do mundo e da própria individualidade (Aboim, 2007). De facto, as dinâmicas de mudança nas relações sociais de género e os seus mecanismos geradores ocupam um lugar nuclear enquanto indutores/condutores do processo de individualização. A dificuldade em definir o sentido da causalidade (será a mudança nas relações de género um indutor ou um condutor da individualização?) deve-se, pelo menos em parte, ao facto de no processo de individualização residir o progressivo abandono dos papéis tradicionais em benefício da igualdade de género.

Imaginar uma contemporaneidade afastada dos valores da individualização e da afirmação do único seria reduzir a capacidade de homens e mulheres para a conquista de autonomia, e significaria continuidade de uma vida familiar organizada em torno de lógicas de desigualdade e dominação.

O filme de Nicholas Ray antecipa as transformações de sentido individualizante da modernidade acelerada. Numa leitura sociológica, afasta-se do modelo parsoniano da família, que coloca as mulheres na redoma de vidro da domesticidade; parede transparente que lhes permitia ver o mundo social, mas as impedia de nele participar completamente enquanto agentes. Assim, define um sentido de tendência igualitária nas relações de género, percebendo-se o protagonismo das mulheres na estruturação e experimentação da vida de todos os dias e no mundo social. Por um lado, nas dimensões expressivas, relacionadas com os universos dos afectos, do erótico e da vida sexual. A mulher-sujeito que afirma a sua capacidade de amar, de escolher o amor e a quem amar, e de experimentar. Mulher-sujeito social e erótico que obriga o homem (*Johnny Guitar*) a pedir-lhe “*lie to me, lie to me...*”, para que não se perca o sentido que julga ter por ser homem. Por outro lado, Vienna é também mulher-sujeito pela entrada num universo masculino, o *saloon*, afirmando-se como produtora do mundo social.

Mas, na verdade, apesar da popularidade de valores modernistas legitimadores da igualdade, da liberdade de escolha, a diferenciação de género perdura na quotidianidade da vida social, quer nas práticas quer nos códigos da feminilidade e da masculinidade. Se se percebe a passagem da ideia da mulher-natureza para a mulher-

sujeito (Torres, 2004), bem como a desconstrução da masculinidade hegemónica, estes movimentos não anulam a força social de uma outra ordem de género estruturada na desigualdade (Aboim, 2007), coexistindo, desta forma, dois tempos: o da transformação e o da continuidade.

Associar as transformações hesitantes nas relações de género na família ao quotidiano, à forma como o mundo social é experimentado pelos agentes no decorrer do tempo em que aparentemente nada se passa, significa activar a variável tempo neste esforço analítico e de teorização.

O tempo não é uma variável imutável, como pensava Newton, mas um conjunto de eventos e conceitos, pelo que existem um sem-número de temporalidades (Hall, 1989). Segundo Einstein, tempo é simplesmente o que o relógio marca e o relógio pode ser qualquer coisa. O relógio que cada um usa foca diferentes relações nas suas vidas pessoais. O enfoque sobre o tempo toca uma das mais pessoais experiências do indivíduo, como este se relaciona com os outros ao mesmo tempo que se mantém isolado, como constitui a sua identidade. Neste sentido, o tempo é tratado como uma linguagem, como um organizador básico da acção humana, um sintetizador, um agregador da experiência.

Olhando para aquilo que as pessoas fazem, logo se descobrem inúmeras discrepâncias entre o tempo vivido e o tempo enquanto conceito/medida. As pessoas fazem coisas diferentes, participando de forma não consciente em diferentes formas de tempo (temporalidades). O quotidiano das famílias e dos indivíduos que lhes dão forma movimenta-se de forma turbulenta entre os tempos monocromáticos e os tempos policromáticos (Hall, 1989 e 1994). São tempos que controlam de forma não consciente o seu quotidiano, organizando os acontecimentos em que participam segundo duas lógicas distintas.

O tempo monocromático organiza os acontecimentos de forma hierárquica, cada acontecimento no seu momento, deixa-se enfeitiçar pela gestão do quotidiano. É um tempo tangível, sempre mensurável e controlável. O monocromatismo do tempo associa-se a uma outra forma de tempo, ao tempo profano e institucional que marca as horas e os minutos, os dias da semana, e escreve todo o calendário.

No tempo policromático o ritmo dos acontecimentos não coincide com o do relógio. Existe um crescendo na complexidade de interligação de ritmos na vivência da vida quotidiana, uma espécie de labirinto do tempo onde os acontecimentos se sucedem, se entrecruzam e se sobrepõem. Neste sentido, a acção humana será cada vez mais

sinfónica, cada vez mais baseada na interligação de diferentes ritmos (Hall, 1989). O labirinto constrói-se pela experimentação no e do presente, pela construção e vivências das diferentes temporalidades e ritmos disponíveis e possíveis de inventar e conjugar.

O tempo que o relógio marca esconde um outro tempo, um tempo sagrado (Hall, 1994). É uma espécie de tempo imaginário. Este tipo de tempo é como um conto, não é sequer suposto que seja como o tempo tradicionalmente marcado pelos relógios. Ao colocarem-se numa temporalidade sagrada, os indivíduos assumem o seu próprio carácter divino, descobrem o divino na vida de todos os dias (Hall, 1989). Este tempo permite a construção das narrativas biográficas, em que o sujeito se coloca numa temporalidade ficcional, descobrindo o especial e o único na sua experiência.

Esta dimensão oculta do quotidiano, este tempo de autoconstrução, é colocado na sombra pelo percorrer das rotas rotineiras que traçam o dia-a-dia. Para decifrar a sombra há que viajar por esse quotidiano e permitir que ele se deixe ver e escutar, para que possamos passar das rotas rotineiras e visíveis para as rotas de ruptura e criação que permanecem ocultas. Mas a realidade não é dada a conhecer em si mesma, ou melhor, só se conseguem ver as coisas reduzidas aos seus signos, os quais alimentam as representações sociais, as visões do mundo (Pais, 2002). A realidade apresenta-se de forma enigmática, isto é, estará algures na distância entre os signos que nos são dados a conhecer e os seus significados.

Não confundamos, portanto, a realidade das relações sociais de género e as suas transformações no cenário da família com a máscara das imagens cinematográficas. Apesar de estas imagens nos ajudarem a imaginar interpretações para outras observações: na análise dos dados do European Social Survey (2004) percebemos a emergência de novos sentidos da família que embasam a transformação das relações de género na família. Pretende-se perceber melhor o espaço de incerteza que ocupa um lugar central na contemporaneidade da emergência desses novos significados. Trata-se de um esforço de teorização e interpretação dos movimentos quotidianos de transformação das relações de género na família, tendo particular atenção à problematização da relação entre rupturas e continuidades, e às relações entre tempos diversos.

Se a realidade nos surge mascarada, não desprezemos essas máscaras. Olhemos para elas como enigmas. O enigma pode ser concretizado na interrogativa: que significados se podem perceber escondidos na mancha de indefinição e incerteza que se espalha pela Europa no momento de recomposição das relações de género na família?

Que movimentos de transformação estão implícitos, que incertezas negociais aí se cristalizam? É o mesmo enigma que está implícito em *Johnny Guitar* – tal como no filme se percebe que há personagens surpreendidos com aquilo que vivem, também os dados parecem revelar-nos sujeitos que escolhem a incerteza como posicionamento. Por onde passa a negociação e a transformação nas relações de género de tal forma que não nos damos conta que acontece? O que se esconde por detrás de um auto-posicionamento num espaço de incerteza entre as tendências igualitárias e as conservadoras relativas às relações de género?

Mas como se lida com os enigmas? É preciso deixarmo-nos intrigar pela sua escuridão e evitar o feitiço dos números ou a hipnose das imagens.

Secção 1 | O real enigmatizado pelos dados do ESS

Na sequência das imagens do filme de Ray fica a sensação de que a afirmação do feminino parece encontrar uma temporalidade única, o tempo da narrativa, como único caminho possível. Na aparente simultaneidade entre a assunção do protagonismo feminino na estruturação do quotidiano e o silenciamento observante do masculino, existem temporalidades distintas. Este é um tempo conflitual, ou melhor, é um presente narrativo marcado pela coexistência de diferentes temporalidades. Nestas temporalidades inscrevem-se diferentes ideários relativos às relações de género, que se vêem frente a frente sem nunca se confrontarem abertamente.

Cena A: após o assalto ao banco Emma invade o bar de Vienna acompanhada pelos homens da cidade. Estes homens, apesar de serem os conservadores do poder dos meios de repressão, percebem-se hesitantes, não sabendo que lugar ocupar, nem qual o papel a desempenhar. Assistem à cena a partir de um lugar incerto: detêm os meios de repressão, mas não são os únicos protagonistas, não têm o monopólio sobre a sua aplicação. Há mais sujeitos em cena: Vienna e Emma.

Cena B: duelo final. Mais uma vez os homens assistem. Parecem estar num lugar de poder incerto, um lugar em que os seus poderes são impotentes. Assistem à reivindicação e ocupação do lugar até então reservado ao masculino (o duelo, a detenção e o uso da arma e do poder). Os seus olhares são expectantes, interrogam-se... Não agem, são agidos.

Tal como nestas cenas de *Johnny Guitar*, a maioria dos europeus (mais os homens do que as mulheres) apresenta-se numa posição hesitante, intermédia e oscilante relativamente às configurações das relações de género na família.

Na prática de uma sociologia sensível e de desocultação do real que se esconde nas grandes malhas da análise sociológica (Maffesoli, 1998; Pais, 2002), abordamos os dados do European Social Survey (2004) tendo como unidade de análise o indivíduo. Seleccionámos cinco indicadores² que, não sendo os únicos possíveis, nos pareceram pertinentes para a avaliação da concepção das relações de género na família entre os europeus.

Tendo por base estes indicadores das relações de género na família, é possível traçar uma análise do posicionamento individual face às relações de género, que se traduz na produção de uma tipologia³ (figura 1). Os lugares dessa tipologia correspondem a diferentes adesões ideológicas relativas às relações de género na família: o primeiro desses posicionamentos (igualitário/moderno) reflecte uma clara adesão aos valores da modernidade marcados por uma visão igualitária das relações de género; o segundo (tradicional/conservador) revela-se pela rejeição destes valores modernos, assumindo posições conservadoras ou tradicionais; finalmente, no terceiro (intermédio) e não de menor importância, encontramos aqueles europeus que revelam uma posição hesitante, intermédia ou oscilante, entre a modernidade e a tradição nas relações de género na família.

Percebe-se que a adesão a valores modernos e a uma ideologia igualitária é mais frequente nos países escandinavos e no norte da Europa (figura 2); mais, na exacta medida em que deslocamos o olhar de norte para sul e de oeste para este a adesão a valores de género tradicionalistas torna-se mais comum (figura 2).

Podíamos aqui traçar interpretações sobre as razões destas diferenças, ligando a adesão a valores modernos nas relações de género a condições objectivas de existência, ou a contextos políticos e institucionais, ou ainda a tipos específicos de estados-providência (Esping-Andersen, 2002; Gornik e Meyers, 2004). Contudo, esse não é o nosso objectivo. O que desejamos desocultar é aquilo que estas tendências mais

² Indicadores do ESS (round 2) 2004: Os inquiridos deviam mostrar o seu nível de concordância com: (i) “A família mais próxima deve ser a principal prioridade na vida de cada um”; (ii) “Os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos”; (iii) “Uma mulher devia estar preparada para reduzir o seu trabalho remunerado a bem da sua família”; (iv) “Quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres”; (v) “Quando há crianças em casa, os pais devem manter-se juntos, mesmo que não se entendam bem”.

³ Para a construção de tal tipologia utilizámos o método do *two step cluster*.

sensacionais no que respeita à produção de mudança social escondem. O que é que as posições extremas ocultam? As posições incertas e as dúvidas de quem lá se coloca.

Numa análise de género e por país destes posicionamentos individuais, revela-se que tanto homens como mulheres oscilam entre posições modernas e igualitárias e outras de carácter tradicionalista (figura 3). Esta combinação contraditória de valores significa a coexistência de dois tempos sociais por onde os sujeitos vão procurando definir-se na vida de todos os dias, permitindo desconstruir a ideia de uma relação linear entre tradição e modernidade e abandonar a ideia de uma temporalidade linear (Aboim, 2007) e de substituição de tipo evolucionista de ideologias de género.

Contudo, importa referir que, independentemente do país de origem, as mulheres europeias adoptam tendencialmente posições mais modernas e de sentido mais igualitário; e os homens posições mais tradicionalistas, que repescam uma matriz ideológica de valores mais afastados das preocupações com a igualdade, ou descobrem na posição intermédia o conforto necessário para a sua definição no universo das relações de género (figura 3). Regressando brevemente a *Johnny Guitar*, podemos dizer que os homens são aqueles que estão mais surpreendidos com as configurações actuais (ou possíveis) das relações de género na família.

As distinções entre os europeus e as marcas na ideologia de género na geografia europeia não podem fazer-nos esquecer o que parece ser fundamentalmente intrigante: a enorme mancha que se espalha por todos os países europeus, independentemente do sexo dos inquiridos, o posicionamento incerto entre a igualdade de género e valores mais tradicionalistas (figuras 2 e 3). Mais do que as diferenças existentes entre os diferentes países europeus, este é o grande ponto de interrogação que suscita a curiosidade e vontade de problematização e indagação teórica: o posicionamento intermédio como um espaço de redefinição das relações de género na família e de recomposição da masculinidade.

Esta coexistência de valores de género díspares significa a não simultaneidade dos processos sociais, a coexistência de processos de transformação com outros de persistência e continuidade. Temporalidades sociais distintas formam a contemporaneidade. De outra maneira, e seguindo Aboim (2007), podemos dizer que existe uma diferença entre a igualdade enquanto dever-ser e enquanto realização objectiva, e que esta certeza num posicionamento hesitante materializa, de alguma forma, a existência de ambiguidades e fracturas na retórica modernista da igualdade de género na família.

Fugindo à bipolaridade que muitas vezes facilita os exercícios analíticos, e mantendo-nos fiéis à materialidade das respostas individuais, a análise do posicionamento face às relações de género revela que os europeus evitam colar-se a posições claras do ponto de vista ideológico relativas às relações sociais de género. Optam pela incerteza e pelo obscuro, escondendo-se frequentemente na incerteza pura: não concordam nem discordam (figura 1). Outras vezes, este posicionamento intermédio permite seguir a tendência mais moderna e igualitária ou, girando a agulha, noutros momentos associa-se a valores mais conservadores e tradicionais.

1.1. Desocultando a ambivalência: posição intermédia, incerteza e negociação

Na desocultação do real não devemos fugir da ambivalência, pelo contrário, devemos nela perceber pontos de potencial transformação, conflito, caminhos por onde passa a mudança. Em primeiro lugar, as perguntas que se escondem nos indicadores escolhidos obrigam a uma tematização de si (dos sujeitos que respondem), à produção imediata de um olhar sobre si mesmo e à sua transformação em auto-objecto. Obrigam a um questionamento dos sentidos e da organização das experiências e posições subjectivas e intersubjectivas, reequacionando as posições no mundo social e a relação com os outros. A avaliação ou reconstrução de um mundo social em torno de si implica compreender as transformações daquilo que significa ser homem e mulher, para si mesmo e na relação familiar. Em segundo lugar, uma posição incerta é tão certa como qualquer outra. Reflecte o posicionamento produzido por si e para si (do sujeito que responde), a incerteza é o espaço certo que os indivíduos encontraram para si. Um espaço-tempo inventado para a negociação e criação de si. Finalmente, em terceiro lugar, podemos pensar esta ambivalência como o momento de transição de masculinidades, marcado pela descoberta de um novo lugar para o homem na família e de novas relações de género, transportando consigo um questionamento mais profundo sobre o que significa ser homem.

Estamos perante o novo como espaço desconhecido, incerto e inseguro (social e ontologicamente). O jogo que se joga diariamente entre a certeza dos ideários incorporados e a incerteza do futuro mais igualitário que se vai construindo hoje. Um espaço de negociação de si, de significação da vida e de posicionamentos no mundo social. Percebe-se como categoria por onde passa a negociação. Aqueles que a ela pertencem negociam consigo mesmos uma posição. Escolhem um lugar incerto entre a

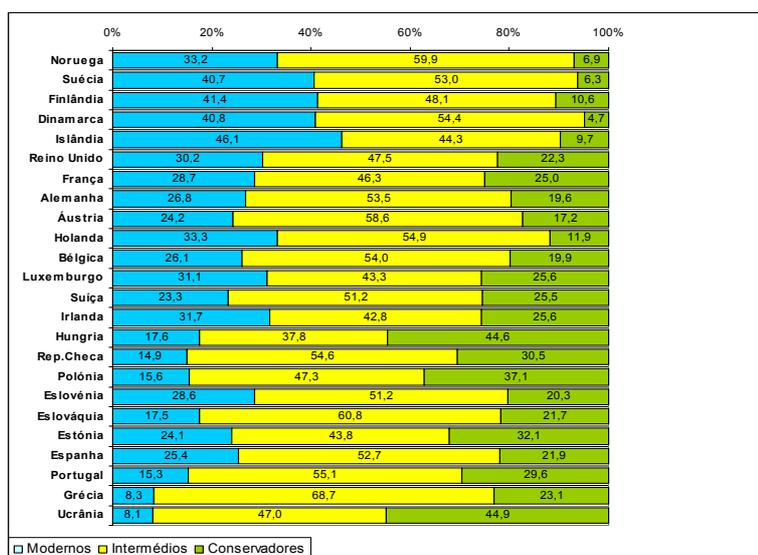
modernidade e o tradicionalismo nas relações de género na família, porque estão incertos sobre si mesmos, incertos quanto ao lugar que têm, incertos quanto àquilo que desejam ser e àquilo que são.

Figura 1. Tipologia de posicionamento individual face às relações de género
(percentagem de indivíduos)

N	A família mais próxima deve ser a principal prioridade na vida de cada um				Os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos				Uma mulher devia estar preparada para reduzir o seu trabalho remunerado a bem da sua família				Quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres				Quando há crianças em casa, os pais devem manter-se juntos, mesmo que não se entendam bem				
	Concordo	NC/ND	Discordo	Total	Concordo	NC/ND	Discordo	Total	Concordo	NC/ND	Discordo	Total	Concordo	NC/ND	Discordo	Total	Concordo	NC/ND	Discordo	Total	
Igualitários	11004	100,0	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	32,4	20,5	47,1	100,0	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	100,0
Intermédios	22445	72,7	19,9	7,4	100,0	73,5	17,4	9,1	100,0	31,9	33,4	34,7	100,0	24,0	22,9	53,1	100,0	31,2	32,0	36,8	100,0
Tradicionalis	9841	100,0	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	100,0	-	-	100,0	69,1	30,9	-	100,0	45,6	20,6	33,8	100,0
Total	43290	85,8	10,3	3,9	100,0	86,3	9,0	4,7	100,0	47,5	22,5	30,0	100,0	28,1	18,9	52,9	100,0	26,5	21,3	52,2	100,0

Europeana Social Survey (round 2) 2004

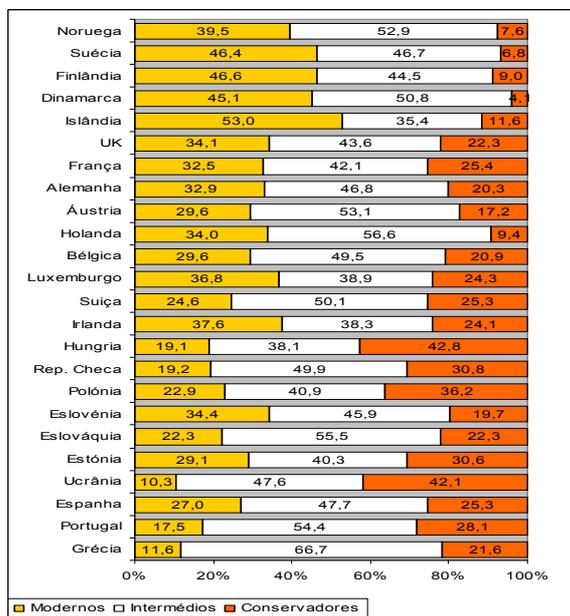
Figura 2. Europeus igualitários, intermédios e tradicionais, por país



European Social Survey (round 2) 2004

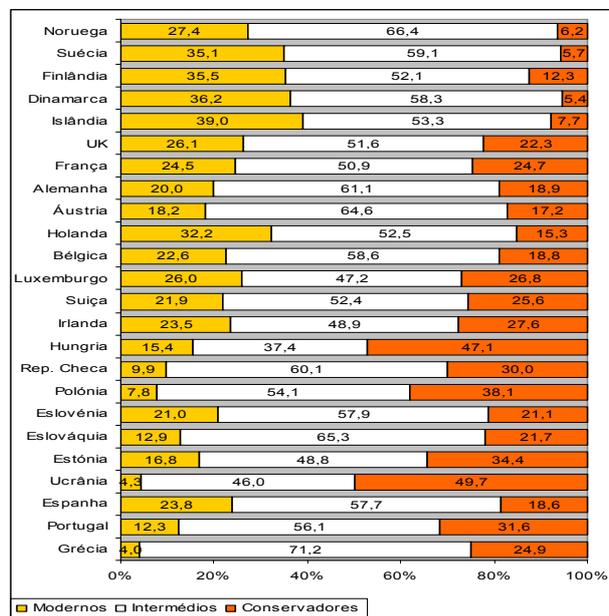
Figura 3. Europeus igualitários, intermédios e tradicionais, por país e género

Mulheres



European Social Survey (round 2) 2004

Homens



European Social Survey (round 2) 2004

1.2. A incerteza implícita no novo

O novo não surge sem supetões e entraves no mundo social. O novo não emerge na realidade como uma nova forma de organização da experiência social seguindo a fórmula: *de uma vez por todas*. Isto é, não surge e não se impõe por substituição directa e definitiva do passado.

O presente, o momento contemporâneo em que se passam as coisas, ainda que seja constituinte do mundo social, não ultrapassa definitivamente o tempo anterior – o passado – rumando em direcção ao futuro. Da mesma forma, os valores de género tradicionais persistem na sociedade europeia e coexistem com outros ligados a uma profunda modernidade e a processos de individualização fortemente incorporados. O que se deixa perceber pela coexistência dos três tipos de posicionamento individual face às relações de género na família (figuras 1, 2 e 3).

Se existe alguma virtualidade analítica e epistemológica em perceber a realidade estratificada (Archer, 1995), também é verdade que não podemos perceber os diferentes estratos de forma linearmente evolutiva, como marcações de tempos diferentes entre os quais não existem vasos comunicantes ou sobreposições. Na experiência social dos indivíduos os estratos são vividos em coexistência. O passado persiste na contemporaneidade, prolonga-se no seu futuro relativo, significando a coexistência de diferentes temporalidades no real. A multiplicidade do real de que falava Schutz (1984 [1932]) não se limita a diferentes dimensões cognitivas e interaccionais, esta multiplicidade do real é também temporal.

Olhando para as experiências e expectativas dos sujeitos, podemos perceber melhor esta multiplicidade temporal do real. As experiências e as expectativas dos sujeitos, que são ao mesmo tempo pessoais e interpessoais, criam uma ligação entre o passado, o presente e o futuro (Spurk, 2004). A experiência é o passado tornado presente, cujos acontecimentos são incorporados e são lembrados. Os sujeitos criam as suas experiências posicionando-se a si mesmos em relação aos acontecimentos anteriores, estes acontecimentos são amalgamados com a realidade e as possibilidades (*id.*, *ibid.*). As expectativas, pelo contrário, são o futuro presente do ainda-não (*id.*, *ibid.*). As expectativas criam um horizonte que expõe um novo espaço do desconhecido, das experiências desconhecidas. A existência está aberta ao futuro. As experiências do passado, geridas em direcção ao futuro, deixam de ser experiências passadas: passam a antever o futuro.

A incerteza implícita no novo, do novo no contexto das relações sociais de género que parecem percorrer a Europa (o novo pode ser aqui identificado com os valores modernos e igualitários de género), ocorre neste cenário de coexistência e de permanente avaliação e vigilância entre temporalidades distintas, e de constante balanço entre as experiências e as expectativas de cada um. De facto, a coexistência implica a confrontação de diferentes temporalidades, indicando diferentes formas de os sujeitos sociais participarem de forma mais ou menos consciente nas relações sociais passadas, contemporâneas e futuras (*id.*, *ibid.*).

A emergência não é uma criação no vazio, *ex nihilo*. O ponto de partida da acção é a contingência ou a factualidade, que molda o sujeito, o seu pensamento e acção no mundo social (*id.*, *ibid.*). A continuidade também não é um simples prolongamento do passado que se impõe como destino ou fatalidade. Esta continuidade é um composto, e os seus elementos e fragmentos são investidos pelos sujeitos de forma distinta na construção de futuros (*id.*, *ibid.*). Seguindo Le Breton, existe uma permanente luta entre dois mundos, um que ainda não morreu, outro que ainda não nasceu. Nestes períodos de competição entre duas temporalidades, a liberdade dos indivíduos aparentemente aumenta. Porque às diferentes temporalidades correspondem distintos ideários sobre as relações de género a que os sujeitos são livres de aderir. Mas esta liberdade aumentada desorienta os sujeitos, pode ser stressante e assustadora, porque é forçada (*id.*, *ibid.*); e, de repente, todos os possíveis parecem realizáveis (Grosz, 1999).

Neste contexto, um posicionamento ambíguo, ora procurando aliar-se alternadamente à tradição e à modernidade dos valores de género, ora evitando definir uma posição clara junto destes extremos ideológicos, torna-se legítimo para a gestão existencial da dúvida.

A aceleração transformadora da realidade social das relações de género apenas é possível na relação com a existência de inércia: a aceleração ocorre num mundo social que se torna auto-evidente, cujas regras estão para lá da acção e do alcance dos indivíduos. Isto é, a normatividade e as práticas constituintes da masculinidade e feminilidade continuam activas e determinantes para a sua própria transformação; ou de outra forma, a emergência de novos parâmetros normativos para a masculinidade e feminilidade implica um acto negocial pluridimensional entre o passado e o futuro hoje criado, entre o existente e o desejado, entre as experiências e as expectativas. Seguindo Adorno, uma rápida transformação social na aparência, à superfície da sociedade, permite a continuidade da reprodução social. Este fenómeno torna-se evidente se

pensarmos que os indivíduos tentam criar na vida de todos os dias um mundo alternativo – um mundo melhor, que seja claramente distinto do mundo actual (*id., ibid.*).

Assim, para melhor percebermos as transformações nas relações sociais de género como um processo marcado por constantes avanços e recuos ritmados pela gestão de coexistências contraditórias, podemos convocar a ideia de performatividade de género de Butler (1993 e 1999). A agência demonstrada pela performatividade é directamente contrária à noção de sujeito voluntarista, um sujeito que existe de forma independente das normas regulatórias. O paradoxo do subjectivismo é precisamente o facto de o sujeito que resiste a estas normas ser produzido por essas mesmas normas. Contudo, este constrangimento constitutivo não impossibilita a existência de agência, a agência fica localizada como uma prática reiterativa e regulatória, imanente do poder, e não como uma forma externa ao poder (Butler, 1993). Como resultado, a performatividade de género deixa de poder ser equacionada fora da prática reiterativa dos regimes regulatórios da sexualidade e das diferenças percebidas nos corpos.

Da mesma maneira, os discursos sobre as relações de género captados pelos indicadores ESS (enquanto actos performativos) podem ser percebidos como práticas produtoras, precisamente, daquilo sobre que falam. Mas afirmar que o discurso é formativo não é o mesmo que dizer que ele origina, causa ou compõe de forma total e determinante aquilo que concebe (Butler, 1993). Isto é, não só existem constrangimentos à performatividade de género, como estes constrangimentos são pensados como parte integrante da performatividade. A performatividade não é o jogo livre, nem uma simples apresentação teatral do *self*; nem pode ser simplesmente vista como uma performance oca. O constrangimento não será aquilo que limita a performatividade, pelo contrário, ele é a base da sua sustentação (Butler, 1993). O género opera como uma essência interior, uma expectativa que acaba por produzir o exacto fenómeno que antecipava, reiterando a sua posição relativa num espaço social de distribuição desigual de poderes simbólicos mas de efeitos objectivos.

Na incerteza do novo ou na dúvida quanto ao resultado do jogo que se joga diariamente entre a certeza dos ideários incorporados e o desconhecimento do futuro mais igualitário que se vai construindo hoje, reside um fundamental constrangimento na definição de um posicionamento individual face às relações de género na família. Homens e mulheres, de forma transversal na Europa, descobrem para si uma posição intermédia entre a modernidade igualitária e os valores tradicionais incorporados.

Uma posição que lhes permite viver o acto negocial entre passado e futuro, entre experiências e expectativas relativas às relações de género. Optam por discursos que, simultaneamente, não negam a modernidade e a vontade de nela participar, mas que lhes parecem reiterar uma posição no espaço social das relações de género e da família que conhecem. Uma posição para a qual estão disposicionalmente preparados, conseguindo responder às exigências tácitas da masculinidade e feminilidade, carnal e praticamente conhecidas.

Quando falamos do posicionamento incerto da generalidade dos europeus face às relações de género na família, é importante não esquecermos que falamos num cenário de mudança. A mudança implica sempre insegurança relativa àquilo que virá. As noções de imprevisibilidade, desordem, que estão implícitas no conceito do novo, colocam em causa os ideais de estabilidade e controlo (Grosz, 1999). “*Lie to me, lie to me...*”, pede Johnny Guitar a Vienna, para que não perca o sentido daquilo que é, ou não fique perdido na busca do significado do que é ser homem. A afirmação de si já não passa por ali, ele sabe, ela sabe, mas criam uma verdade ilusória. Uma identidade imediata (Kaufmann, 2004) que ponha fim à ansiedade, à incerteza do que é ser-se homem, conferindo segurança básica para continuar o questionamento de si e a sua recomposição.

Esta identidade imediata é uma resposta a dar, permitindo a acção. É uma condição para a acção, um autoconceito em construção, virado para esse objectivo. A identidade imediata está carregada de um universo emocional, na busca pelo restabelecimento ou pela consolidação da estima de si e das sensações de bem-estar. É activada para que haja capacidade de mudança em situações de fragilidade da auto-estima, possibilitando a emergência imediata, contextualizada e operacional da capacidade inventiva num contexto de crise (*id., ibid.*). A confiança é em si mesma, de certa forma, criativa, porque implica o salto para o desconhecido, significando a preparação para experiências novas (Giddens, 2001).

Perante a dúvida, aqueles que se posicionam de forma intermédia entre a modernidade e a tradição dos valores de género optam pela repetição e pela ritualidade, apostando em discursos que reafirmam uma normatividade conhecida e cujo jogo sabem jogar. Ficam engajados num desempenho (performance) para o qual sabem ter um *stock* disposicional adequado. Esta adequação permite elidir ou iludir o hiato entre as expectativas e as experiências, criando a ilusão de simultaneidade; o simulacro do

compasso da existência individual com os outros e o mundo social da vida de todos os dias.

A performatividade de género, os seus discursos, práticas e usos do corpo, não pode ser entendida fora de um processo de repetição de normas que seja regularizado e delimitado. Esta repetição não é performada por um sujeito; esta repetição é o que permite a existência ao sujeito e constitui a sua condição temporal. Isto implica que a performance não seja um acto singular e isolado, mas sim uma produção ritualizada (Butler, 1993 e 1999) que se faz no quotidiano e (se) produz (n)a matriz da vida de todos os dias.

Secção 2 | O quotidiano e as masculinidades

Temos vindo a perceber a ambivalência no posicionamento individual dos europeus relativamente às relações de género na família como a criação de um espaço negocial, local onde se gerem valores tradicionais incorporados e tendências modernas de mudança de sentido igualitário. Importa neste momento dar um passo analítico fundamental, descortinando sobre que dimensões objectivas, práticas e operacionais decorre essa negociação.

Tal movimento analítico implica deslocar o olhar da máscara dos números para aquilo que estes mascaram. Para ir além da máscara é fundamental aderir à pluralidade metodológica e activar informação produzida em contexto de pesquisa intensiva; desta forma, recorreremos a discursos produzidos em entrevistas⁴ realizadas em Portugal em diferentes contextos regionais (Porto, Leiria e Lisboa) e a indivíduos com distintos perfis sociais.⁵ Assim, podemos articular os signos através dos quais a realidade se torna objectivada, uns de origem quantitativa, outros de natureza qualitativa, potenciando a prática de uma sociologia interpretativa.

Tendo em conta um contexto de profundas transformações nas relações de género promovidas pela modernidade e pelo processo de individualização (Giddens, 1996 e 2001), e a invenção de um cenário de renovadas possibilidades de mudança na ordem social de género e na própria família enquanto regime de género, é importante

⁴ O esforço interpretativo que a partir de agora se desenvolve é devedor do trabalho de Diana Maciel e Cristina Marques, que fizeram a primeira análise de todas as entrevistas.

⁵ Perceba-se, neste contexto, perfis sociais como a associação entre classe social e duração da relação conjugal.

perceber como se definem as atitudes relativas à vida privada. Através destas narrativas entramos no mundo da vida quotidiana, desvendando proximidades e distâncias entre homens e mulheres quanto ao dia-a-dia da vida familiar – as transformações hesitantes das relações de género. Ao mesmo tempo, a organização da vida privada levanta importantes pistas para o entendimento das recomposições incertas das masculinidades que têm lugar no *plateau* diário da família.

2.1. O quotidiano como tempo: repetição e ruptura

Falar no quotidiano é convocar, implicitamente, uma dimensão analítica fundamental mas muitas vezes recalcada, ou escondida com diferentes roupagens: o tempo. O tempo é um dos termos irreduzíveis da prática social. Tende a funcionar como um acompanhamento silencioso, uma sombria implicação, contextualizando e eventualmente desconstruindo todos os conhecimentos e práticas sem se apresentar explicitamente como o seu objecto. O tempo tem a qualidade da intangibilidade, tornando-se visível apenas através duração nos processos de transformação de objectos e fenómenos, ao mesmo tempo que se apaga na abertura destes movimentos de mudança (Grosz, 1999).

O tempo, ou melhor, a passagem do tempo não é um assunto sobre o qual pensamos continuamente, embora ele continuamente passe. A maior parte do tempo somos movidos por rituais quotidianos que evitam o questionamento constante sobre o que estamos a fazer ou sobre o sentido das nossas vidas. Tal como o compasso permite traçar circunferências, também a vida quotidiana parece ter um carácter circular e repetitivo. Mas o compasso é também uma medida de tempos, significando uma cadência ou movimento regulado, constante e repetido. Na vida de todos os dias estar compassado quer dizer acompanhar, estar em sintonia ou em simultaneidade.

A vida de todos os dias permite estabelecer a organização dos tempos do quotidiano, estabelecendo uma cadência entre as continuidades e as rupturas que marcam os processos de transformação das relações sociais de género na família. O quotidiano, enquanto tempo em que tudo se passa sem nada se passar, parece dar protagonismo à normalização e organização desses diferentes tempos, criando uma espécie de harmonia melodiosa na experimentação da vida, algo que é sentido como circularidade e repetição.

A rotina é um elemento básico das actividades do dia-a-dia. No conhecimento prático a rotina aparece como entre as acções não conscientes e as deliberadamente conscientes. A rotina reporta-se à prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas por uma segurança ontológica, pela confiança de que a realidade é o que aparenta ser. A rotina é uma forma de gestão, ou melhor, de ocultação (colocar entre parênteses) das incertezas (Pais, 2002).

O que se passa no quotidiano? Será o que se passa todos os dias? No quotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia-a-dia se passa sem nada se passar. Mas, seguindo um estilo foucaultiano, só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano nos damos conta que é no carácter mundano da vida social que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria ruptura (Pais, 2002). Se o quotidiano é o que se passa sem nada se passar – a vida e as experiências invisíveis – é porque aquilo que se passa tem um significado ambíguo, não estabilizado, não sendo facilmente interpretável pelos sujeitos. Significado típico do que se instala na vida sem se dar conta e que nela desliza (Pais, 2002), tal como se percebe na relativa perplexidade dos homens em *Johnny Guitar*, ou pelo posicionamento ambíguo dos europeus face às relações de género na família.

Tendo em conta a dimensão ritual e performativa como constitutiva das identidades de género e das relações sociais entre eles, importa perceber quando e onde se passam essas performances. Isso implica activar analiticamente a vida de todos os dias. Porque é na vida quotidiana que as pessoas vivem. É na vida quotidiana ou através dela que os sujeitos se projectam no tempo futuro, isto é, noutros quotidianos idealizados. O quotidiano é, simultaneamente, campo de ritualidades e tempo da experimentação, da ruptura, da criação, das emoções, de projecção do futuro. O quotidiano é a instância onde se instanciam práticas, normas, projectos individuais. Viver nas sociedades contemporâneas significa o envolvimento em trabalhos de construção da realidade e da identidade.

A negociação dos papéis e das relações de género na vida de todos os dias não se passa apenas numa dimensão discursiva, ela existe num plano de materialidade objectiva que se revela através da encenação das práticas quotidianas da vida familiar, que se organiza entre a experiência e a expectativa da igualdade perante as responsabilidades da casa e o cuidado dos filhos e a realidade e o desejo da persistência da feminização da esfera doméstica (através do dever de a mulher estar preparada para

reduzir o seu trabalho profissional pelo bem-estar da família). Regressando aos dados do ESS, a pertinência de observar o processo de transformação das relações de género a partir do lugar da família é mais uma vez reforçada, na medida em que a família e o universo privado é ou deve ser a primeira prioridade na vida dos europeus (figura 1).

Percebendo o quotidiano como o tempo em que tudo se passa sem nada se passar, na descoberta do que lá se passa na sombra devemos ter como princípio a prudência. Assim, dissecamos analiticamente o quotidiano, olhando primeiro para a sua dimensão ritualista (onde nada se passa a não ser repetição) e, depois, para a sua capacidade transformadora (onde tudo se passa).⁶

2.2. Compasso ou ritualidade do quotidiano: incorporação da tradição

[...] Eu acho que a gente tem um botãozinho, é como se estivéssemos programados. Eu chego a casa e começo logo a tratar do jantar, e entretanto trato de apanhar a roupa ou estender e aquilo vai tudo de seguida. (Margarida Silva, 29 anos, empregada de balcão, Lisboa)

O compasso circular e ritmado das actividades do dia-a-dia revela-se particularmente elucidativo enquanto forma operativa de incorporação de um determinado tipo de relações de género na família.

A hegemonia, no cenário das relações entre masculinidade e feminilidade na família, significa a ascendência masculina conseguida na relação de forças sociais nas formas de organização da vida quotidiana. A masculinidade hegemónica não significa ser-se particularmente perverso com as mulheres. As mulheres podem até não se sentir oprimidas por esta forma de masculinidade, podem mesmo nem reconhecer a sua existência. Existe uma espécie de encaixe entre a masculinidade hegemónica e a feminilidade enfatizada (Connell, 1987). Isto implica a manutenção de práticas que institucionalizam a dominação masculina: a robotização da mulher enquanto máquina produtora de tarefas domésticas significa uma dupla e complementar incorporação: por um lado, dá-se a incorporação de tipo essencialista do papel feminino na esfera e no quotidiano da família; por outro, naturaliza-se o carácter repetitivo e circular dessas actividades e responsabilidades. É, precisamente, essa circularidade, esse constante retorno da realidade objectiva das práticas quotidianas sobre as mulheres, que serve

⁶ Ver figura 4.

como motor da incorporação essencializadora e fatalista do lugar do feminino no mundo da vida privada.

As formas de inter-relação entre feminilidade e masculinidade estão centradas num único aspecto central: a dominação masculina (Connell, 1987; Bourdieu, 1999). Este facto estrutural permite a consolidação das bases para as relações entre homens que definem uma forma hegemónica de masculinidade na sociedade (Connell, 1987).

A masculinidade hegemónica é sempre construída na relação com várias masculinidades subordinadas, bem como na relação de dominação das mulheres. Não existe, neste sentido, uma feminilidade que seja hegemónica, uma feminilidade que seja tão dominante como é a masculinidade hegemónica no universo masculino. As formas de feminilidade são definidas de forma clara: é a subordinação das mulheres aos homens que permite a base essencial para a diferenciação, estando acomodadas aos interesses masculinos – a isto chama Connell (1987) feminilidade enfatizada.

Assim, é necessário olhar para as relações de género na família, produtoras da incorporação ritualista de valores tradicionais, enquanto relações entre masculinidade hegemónica e feminilidade enfatizada. Estaríamos perante a inexistência do feminino (Irigaray, 1985), na medida em que as formas de feminilidade são definidas tendo com o referênci a eventual neutralidade do masculino, escondendo a subordinação das mulheres aos homens como a base essencial de diferenciação (Connell, 1987). Esta assimetria fundadora tem duas consequências fundamentais.

A primeira é que, porque o poder, a autoridade e a agressão não são tematizados na feminilidade como são na masculinidade, a feminilidade organiza-se por forma a responder ao poder masculino. Desta forma, as mulheres gerem uma relação de dominação colocando-a entre parênteses. As mulheres podem sentir-se oprimidas pela masculinidade hegemónica, mas também a podem sentir como algo com que é relativamente fácil de lidar, uma relação que sabem gerir (Connell, 1987).

Tal como a masculinidade hegemónica, a feminilidade enfatizada é uma construção social pública, embora o seu conteúdo esteja eminentemente relacionado com o privado: a casa e o quarto. Esta forma de feminilidade é uma performance feita para o homem, dando-lhe a sensação de controlo e de poder que afirma ter, materializando a dominação (Connell, 1987; Butler, 1993 e 1999).

O género opera como uma essência interior, uma expectativa que acaba por produzir o exacto fenómeno que antecipava: em primeiro lugar, a performatividade gira em torno desta metalepse, a forma como a antecipação de uma essência de género

produz aquilo que pretende exteriorizar. Em segundo lugar, a performatividade não é um acto singular, mas uma repetição e um ritual, que atinge os seus efeitos através da naturalização num contexto corporal (Butler, 1993 e 1999).

A visão de que o género é performativo, mostrando que aquilo que é necessário para a afirmação de uma essência interna de género é construído por uma série de actos, actos baseados na estilização corporal de género, mostra que aquilo que pensamos ser uma característica interna de nós mesmos não é mais do que aquilo que antecipamos e produzimos através de actos corporais; em última análise, um efeito alucinante de naturalização de gestos e comportamentos (Butler, 1993 e 1999).

Estes actos corporais, ou usos do corpo, podem ser aqueles que se inscrevem no universo do erótico, mas também nas mais simples actividades do quotidiano familiar. Neste sentido, o uso do corpo no desempenho das tarefas domésticas, a forma desigual como os corpos masculino e feminino se vêm implicados nestas actividades, produz um efeito de essencialização do papel feminino no cenário da família. A violência simbólica transportada pela dominação masculina (Bourdieu, 1999) materializa-se no mais mundano da vida sem que se dê conta do que se passa.

A performatividade de género a que se assiste no quotidiano das relações no cenário da família não é um acto singular, isolado, pois é uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas, actuando de acordo com as exigências situacionais, dissimulando o carácter repetitivo dessas mesmas normas – incorporação e essencialização do lugar de cada um. Este acto não é teatral; a sua aparência dramática é produzida na exacta medida em que o seu carácter histórico é dissimulado, ganhando a teatralidade um carácter inevitável (Butler, 1993).

A segunda consequência da assimetria fundadora das relações de género é que os sistemas simbólicos utilizados pela feminilidade, os termos da sua linguagem, fazem parte de uma economia simbólica masculina (Connell, 1987; Bourdieu, 1999; Irigaray, 1985). O poder de construção simbólica é monopólio do masculino, os homens têm o poder ideológico. Neste sentido, existe a necessidade de reinventar significados como forma de subversão. Hegemonia, no contexto da masculinidade exercida na esfera privada da família, não significa total dominação cultural, a obliteração de alternativas. Significa a ascendência conseguida num equilíbrio de forças gerido no quotidiano.

De facto, o feminino não fica desprovido da possibilidade de criação de alternativas. O desejo de mudança nas relações de género na família existe e tem como protagonistas as mulheres (figura 4). Se estivermos atentos àquilo que nos dizem os

dados do ESS, percebemos que são elas que se posicionam num lugar mais moderno e igualitário relativamente aos valores de género na família (figura 3). Esta descoincidência entre masculinidade hegemónica e feminilidade enfatizada demonstra que estes adjectivos podem apenas caracterizar a superfície aparente das relações de género que se estabelecem no interior da família. Existe uma conflitualidade emergente, ou pelo menos latente, entre as posições tendencialmente mais modernas das mulheres e as mais tradicionais dos homens (figuras 3 e 4). Este quadro tensional das relações entre homens e mulheres na família, ou acerca da posição de cada um na família, assume-se como um dos pontos de operacionalização da negociação que desenvolvem aqueles que se situam numa posição ambígua entre a modernidade e o tradicionalismo.

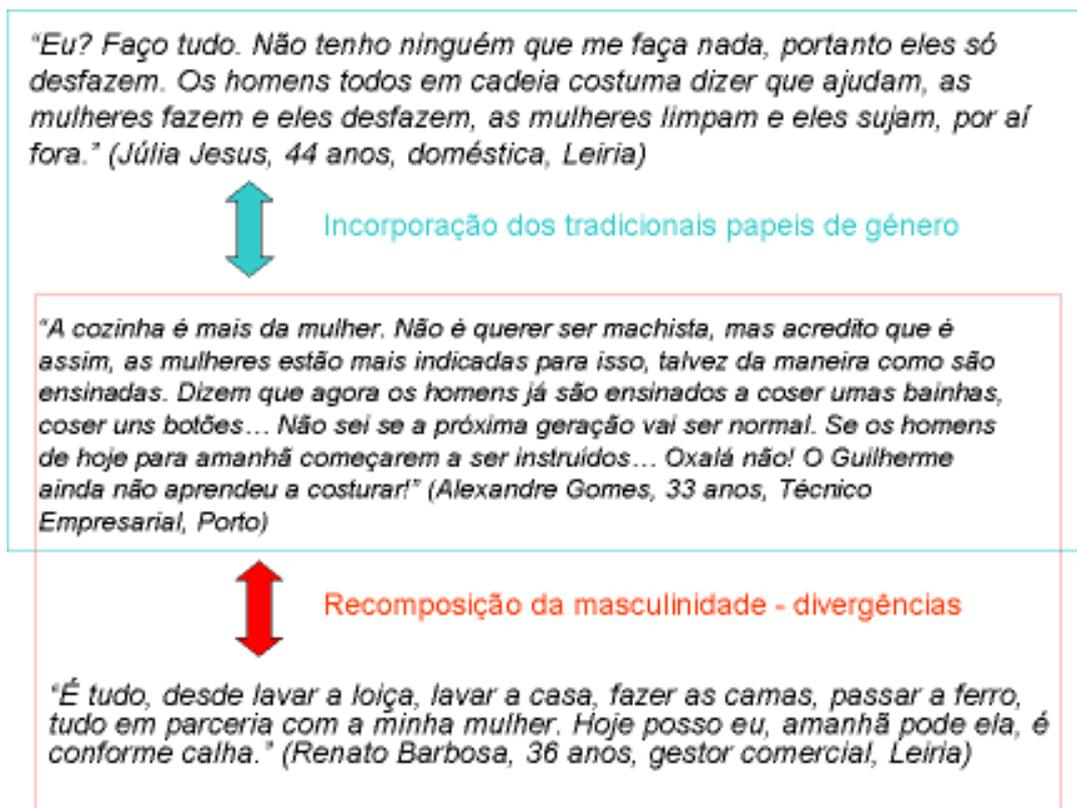
Contudo, dada a persistência das formas de imposição simbólica, percebe-se (para o caso português – entrevistas)⁷ que ainda se mantém a reprodução da incorporação de tradicionalismos. Assim, para estas mulheres a transformação das relações de género, ainda que passe pela capacidade de verbalização do desejo de mudança, passa sobretudo pela construção de um universo alternativo. Um mundo melhor para si. Um mundo que se constrói numa dimensão imaginativa, através da fantasia e do onírico.

Figura 4. Espaço negocial da incerteza

1. Continua a existir uma forte incorporação dos tradicionais papéis de género no que diz respeito às tarefas domésticas.
2. As mulheres continuam a dizer que fazem a maior parte das tarefas, que frequentemente assumem como suas.
3. Conflitualidade emergente de posições com tendências distintas: mulheres mais igualitárias e menos conservadoras do que os homens
4. Recomposição da masculinidade na família: conflitos entre diferentes masculinidades
5. A conflitualidade e o processo recomposição ainda incompleto dos papéis de género na família tornam-se evidentes no peso das posições intermédias – uma posição negocial.

⁷ Ver figura 5. Na parte superior do esquema percebe-se a articulação entre a incorporação de valores tradicionais de género no masculino e no feminino. Isto é, percebe-se a complementaridade estrutural entre a masculinidade hegemónica, que se torna hegemónica pela violência simbólica, e a feminilidade enfatizada.

Figura 5. Transformações incertas das relações de género.



2.2.1. Quotidiano, desejo de mudança e sonho

Em contexto de incorporação feminina dos papéis tradicionais de género, a incerteza paira no ar entre aquilo que se é e o que se deseja ser; uma incerteza que se vive carnal e objectivamente entre aquilo que se tem de fazer e aquilo que se gostaria de (não) fazer.

O desejo de mudança pode ser perspectivado de duas formas. Por um lado, como um projecto a concretizar, que pode ser operacionalizado pelos sujeitos na sua vida quotidiana, sendo este um desejo que passa a projecto de existência. Por outro lado, alguns desejos de mudança cristalizam-se numa esfera da impossibilidade material, ou longe do alcance dos sujeitos desejantes; neste caso não nos deparamos com projectos individuais, mas sim com desejos que se tornam sonhos e fantasias.

As esferas de instanciação dos desejos de mudança dependem dos recursos disposicionais disponíveis para os indivíduos. Estes desejos de mudança encontram-se numa dimensão do tipo onírico, no sonho, numa dimensão não materializável de mudança. Os indivíduos não possuem os recursos para poderem promover estas mudanças mas, mais profundamente, a construção destes sonhos significa também que

deixam ao destino as suas rotinas. Não conseguem perceber possibilidades reais de transformação das suas rotinas circulares. Toda e qualquer fuga à rotina será uma forma de ficção científica, ou será mera coincidência entre a vida e o sonho.

Olha filha, mais tempo para dormir. Era a única coisa que eu queria. (Emília Freire, bancária)

Numa primeira análise, o sono como esfera da realidade remete para o cinzentismo do quotidiano, para o seu lado mais depressivo e desesperançado, quando aquilo que se deseja é dormir. Mas dormir não significa deixar de ver, de sentir e de estar ligado com o mundo e consigo mesmo. Adormecer significa a conexão com uma dimensão onírica da realidade (Martins, 1996), uma ligação com alternativas para viver o mundo de todos os dias.

Ao imaginar e sonhar, mesmo tendo como referência o pesadelo da repetição da vida quotidiana, o indivíduo, ao invés de desconhecer o estranhamento, reconhece o estranhamento, toma consciência dele. Se a vigília oculta o desencontro entre aquilo que se é e se faz e aquilo que se pensa que se é e que se faz, o sonho torna esse desencontro visível, revelando a dilaceração da pessoa (Martins, 1996).

Mesmo sonhando de olhos abertos, o sonho representa para estas mulheres, numa trajectória de incorporação dos valores tradicionais de género na família, o confronto com a rotinização das tarefas domésticas, com a desigual divisão sexual do trabalho doméstico. Os seus desejos, concretizados em sonhos de olhos abertos, resultam no reconhecimento da desigualdade a que são sujeitas e são formas de resistência e de ansiada ruptura ou transformação. A dilaceração entre aquilo que desejavam ser e aquilo que são torna-se visível para si mesmas e para os outros, de uma forma subtil e metafórica.

Desta forma, os desejos de mudança nas relações de género ficam ligados a uma realidade alternativa, cravejada de imagens de ficção científica: a maquinização e robotização das rotinas domésticas. No fundo, trata-se de uma transferência: do sentimento de que se é um autómato que responde às necessidades para a automatização das actividades; da robotização do sujeito para a introdução do robô na vida do sujeito.

O desejo robotizado parece remeter para uma certa cyborguização da vida, o que poderia indiciar a emergência de novas relações sociais de género. Contudo, este movimento de aparente cyborguização da vida quotidiana apenas camufla relações de

género ritmadas pela tradição: é mais fácil desejar um robô do que imaginar uma mudança nas relações sociais de género no interior da família, na definição de posições de poder das inerentes possibilidades de fazer e estar.

Comprava um robô para me limpar a casa [risos], se pudesse comprava isso. (Maria Martins, 25 anos, empregada doméstica, Porto)

[...] tentava equipar a minha casa com todo o tipo de máquinas possíveis que me pudessem auxiliar, por exemplo aqueles robôs telecomandados, às 3 horas vão aspirar, às 4 horas vai... (Carlota Melo, 37 anos, professora, Porto)

O sonho situa-se no âmbito do excepcional, em oposição ao banal, encerra uma crítica ao banal, ao rotineiro, ao repetitivo. Ele transforma o quotidiano em diferença. Há no sonho uma dimensão de negação, mas que não chega para se constituir enquanto projecto ou praxis (Martins, 1996). Fantasias como ressignificação da vida quotidiana e das suas actividades mundanas e rotineiras. Neste caso, as fantasias, longe de romperem com a realidade, mantêm com ela uma relação cujo objectivo é a sua conservação, acomodando o *self* à monotonia das tarefas rotineiras. Constituindo um campo de possibilidades. São fantasias que facilitam o desenvolvimento das actividades de todos os dias. O sonho acaba por ser uma forma de realização das possibilidades de existência destas mulheres que se encontram, a construção de um cenário virtual que elas desejariam que tivesse capacidade para actualizar o real (Grosz, 1999).

2.3. Descompasso masculino no quotidiano: por onde passa a mudança?

Numa visão do quotidiano marcada pela mera repetição, percebemos que aqui se localiza a reafirmação da incorporação e essencialização de valores tradicionais de género, porque esta seria uma dimensão da realidade em que nada se passa. Onde a transformação é vista como sonho ou ficção; porque, no dia-a-dia, apenas há reiteração dos papéis e da normatividade associada à masculinidade hegemónica e à feminilidade enfatizada.

Isto não significa que na dimensão ritualista do quotidiano apenas se reproduzam valores tradicionais de género e se reiterem incorporações da masculinidade hegemónica e da feminilidade enfatizada. Significa, isso sim, que é no espaço da repetição que a reprodução social continua a ser produzida, que é nesta dimensão que o passado é trazido para o presente.

Mas o quotidiano não é apenas repetição e circularidade, nele se passa tudo, ainda que não seja perceptível no imediato – que o digam as personagens masculinas de *Johnny Guitar*. Recorrendo ao olhar indagador que tantas vezes os homens desse filme nos transmitem, podemos colocar a questão: o que significa ser homem e como se passa isso na vida de todos os dias?

Responder a esta questão implica conseguir, do ponto de vista analítico, manter em perspectiva passado, presente e um futuro incerto. De facto, assistimos à coexistência de tendências de mudança com forças de continuidade, isto é, à coexistência de passado e presente transformativo, abrindo possibilidades incertas e imprevisíveis de futuro. Os homens estão a mudar, provavelmente não de uma forma explosiva, mas criando novas direcções e significados para si. Novos modelos de masculinidade não têm substituído os anteriores, mas têm crescido de forma paralela, criando uma tensão dinâmica (Kimmel, 1987), que podemos antever como justificação possível para o facto de nos dados do ESS a posição intermédia e oscilante ser mais frequente entre os homens do que entre as mulheres.

Os homens vivem na coexistência temporal entre os arquétipos que se transportam do passado, imagens e significados presentes e consequências na sua organização pessoal e social no futuro. Desvenda-se uma situação de dualidade normativa, entre os valores e atitudes emergentes de tendência igualitária e as disposições incorporadas e materializadas em práticas quotidianas que tendem a reproduzir as distinções sociais de género.

Há indefinições entre uma atitude conservadora e a tendência para a igualdade de género nas relações familiares e no cuidado com os filhos. Estes homens materializam essa ambivalência. Os discursos, plasmados nas respostas codificadas do ESS, remetem para as práticas, para aquilo que se faz, se pode fazer, que tem de se começar a fazer e aquilo que se tem de deixar de fazer. Mas o tom é incerto, hesitante e ambivalente. A igualdade de género nas relações familiares e nas responsabilidades e cuidados com as crianças parece ficar dependente da não interferência com os fazeres quotidianos destes homens – o trabalho. A interferência traduz-se, para muitos deles, numa desestruturação dos seus quotidianos que não é aceitável.

Frequentemente os homens sentem-se desconfortáveis e confusos em relação à sua masculinidade. Acham complicado definirem-se enquanto homens (Seidler, 1997). A incerteza sobre o que significa ser homem, incerteza sobre aquilo que os outros esperam de si e sobre aquilo que se espera de si próprio, tal incerteza agudiza-se no

processo de descoberta de um espaço para si no cenário da família, no cenário tradicionalmente percebido como um exclusivo do feminino. Ser-se homem na criação deste espaço individual na família significa um exercício autoconstrutivo que não deixa de ter em atenção a manutenção de uma posição de controlo, ser reconhecido como sujeito em pleno controlo de si mesmo e das circunstâncias – evitando desvincular-se da mitologia da masculinidade hegemónica tradicional (Connell, 1987 e 1998). Porque a masculinidade hegemónica se constrói numa relação de subordinação, não apenas da feminilidade, mas também na dominação sobre formas alternativas de masculinidade (Connell, 1987 e 1998).

O cuidar dos filhos e as responsabilidades com as tarefas domésticas são crescentemente vistas como actividades relacionais e igualitárias na conjugalidade e na vida familiar, ou a participação doméstica idealmente pedida, desejada ou pensada ao e para o homem (figura 1). Estas mudanças desafiam a organização das práticas familiares, e também interpelam o campo dos valores e das identidades de género (Aboim, 2007).

Ser pai associa-se claramente à ideia de se ser um homem autónomo, afirmado e reconhecido pelo mundo social nas suas capacidades físicas, sexuais e reprodutoras. Significando a afirmação plena da masculinidade pela sexualidade, a paternidade é um elemento central na construção ou consolidação da identidade enquanto homem. Mas simultaneamente é um elemento que coloca em causa, pelas actuais expectativas, os valores tradicionais do masculino, nomeadamente através da criação de uma maior intimidade emocional com os filhos (Kay, 2006).

O homem sente-se ligado ao filho por laços emocionais (Seidler, 1997). Os jovens homens estão mais interessados em participar na vida dos seus filhos e negociam essa participação com as suas companheiras (*id.*, *ibid.*). Emerge a ideia de que os pais devem ter um papel mais activo no cuidado com as crianças do que nas gerações anteriores. Os pais expressam essa sua preocupação e desejam esse envolvimento na vida dos filhos. Mas existem evidentes tensões neste movimento. A entrada na paternidade significa uma transformação fundamental para o homem. O envolvimento dos pais no cuidado com os filhos significa a emergência da ideia do pai envolvido. Mas esta imagem é preenchida por incertezas e complexidade. Os homens não sabem muito bem como fazê-lo, nem sabem muito bem como gerir estas novas expectativas – ligadas com uma ideologia igualitária – com as exigências da afirmação enquanto homens e a manutenção dos arquétipos da masculinidade (Kay,

2006). Este maior envolvimento afectivo colide com a noção do tradicional provedor da família. Tal como no caso da maternidade, a paternidade é onexo em que o papéis do provedor (através do trabalho pago) e protector (o cuidado doméstico) se conjugam e se negociam no seio do casal (Kay, 2006).

A ideia do pai envolvido é difícil de colocar em prática pelos homens. Os homens ficam sempre numa situação de insatisfação, na medida em que não conseguem resolver o paradoxo fundador: como ser um pai presente e afectivo e manter uma imagem de homem coerente com os arquétipos da masculinidade dominante (Lupton e Barclay, 1997; Seidler, 1997). O homem pretende manter uma posição de controlo e de autocontrolo (Seidler, 1997), preenchendo os requisitos da imagem da masculinidade mítica. Os homens constroem a sua relação com os filhos – estabelecem os laços emocionais com os seus filhos, mas tendo sempre a ideia de fragilidade em mente, ou melhor, com o sentimento da desigualdade do tipo de relação que os filhos têm com a mãe. Esta sensação paira sobre os homens. Esta sensação leva a uma espécie de enclausuramento do homem na ideia de protector, de protector até da relação especial entre mãe e filho, colocando-se na posição de fornecedor das condições objectivas para que aquela se desenvolva (*id.*, *ibid.*). Paternidade e masculinidade mantêm uma ligação de forma central na medida em que aquilo que se concebe como possível para a paternidade, aquilo que define o que é ser pai não pode colocar em causa a afirmação e reconhecimento da masculinidade. O que parece existir é uma coexistência tensional entre arquétipos de masculinidade associados à força, racionalidade e capacidade de protecção superior, com exigências de implicação directa no cuidado físico e emocional dos filhos. Abandona-se uma postura ideológica de paternidade, uma referência relativamente abstracta onde se concentra poder (físico e capacidade de garantir segurança existencial), para formas de contacto físico directo, corpo-a-corpo entre pai e criança. No fundo, abandona-se a razão, ou regra da racionalidade masculina identificada com o poder do pai, porque era o pai que teria o poder de definir uma razão, a sua razão. Uma razão em que o pai legislava sobre os outros e definia o que é bom para todos (Seidler, 1997).

A emergência de uma nova paternidade, por vezes mais desejada do que praticada, transporta consigo exigências específicas para os homens que se tornam pais. Do ponto de vista ontológico, implica repensar o que significa ser-se homem, na medida em que introduz exigências expressivas, recentrando as emoções e o corpo na vida quotidiana vivida no masculino. Neste sentido, a passagem para a paternidade faz-se pelo trilho da

ruptura com uma normatividade da masculinidade assente na lógica cartesiana que distingue e afasta corpo e mente, por um lado, e natureza e sociedade, por outro.

Recorrendo mais uma vez ao filme de Nicholas Ray para guiar a interpretação do processo de recomposição das masculinidades, seria, porventura, demasiado fácil traçar uma ligação entre Johnny Guitar, o pistoleiro sem revólver, e uma visão psicanalítica freudiana, vendo aqui um homem sem *phallo*, logo sem poder. Mas a recomposição da masculinidade passa, pelos menos em parte, por uma espécie de invasão da masculinidade pela dimensão estético-expressiva, rompendo com as míticas fronteiras definidoras da masculinidade (Connell, 1987 e 1998).

Nas suas vidas quotidianas os homens relacionam-se não só com novas formas de feminilidade emancipada, que obriga a uma relação de tendência mais igualitária na distribuição e acesso aos poderes simbólicos e objectivos, mas também se vêm obrigados a enfrentar novos modelos (ainda não totalmente definidos) do que é ser-se homem. Estes novos modelos esperam que os homens rompam com o lugar central da racionalidade na definição da masculinidade e se entreguem a papéis e acções expressivas. A colonização da masculinidade pela expressividade obriga a transformações na esfera da vida privada, passando o homem a ocupar uma posição que vai para além do provedor e da autoridade. Enquanto companheiros e pais os homens estão a gerir novas expectativas que têm como origem a adopção duma ética de vida que se confunde com uma estética de vida, a vida que se encara de forma experimental e expressiva: uma vida em que o corpo e as emoções ganham posição central na definição dos projectos individuais.

A colonização da masculinidade pela expressividade (tradicionalmente encarada como característica da feminilidade) implica a relativização do lugar ocupado pela racionalidade, controlo e vigilância na definição do que é ser-se homem. Este cenário de mudança, de pluralidade, de incerteza e de contradições, não significa que se tenham eclipsado as distinções de género. Elas persistem. As atitudes transformam-se mais rapidamente do que as práticas, por isso se percebe a existência de um duplo movimento de sentidos opostos, criando uma situação de ambiguidade.

Sintetizando...

No desvendamento e interpretação de transformações hesitantes das relações sociais de género e de recomposições incertas da masculinidade que têm lugar no *plateau* da família, percebe-se a inevitabilidade da opção por um posicionamento individual face às relações de género na família enquanto forma de criação de um espaço-tempo negocial: espaço onde os indivíduos se possam repensar, possam repensar a sua relação com os outros e o mundo social a partir daquilo que significa ser homem ou mulher.

O posicionamento intermédio, detectado na análise de dados do ESS, significa uma negociação entre temporalidades diferentes: passado, presente transformador ou reiterador do passado e futuro incerto.

Mas estes actos negociais não se desenvolvem exclusivamente de forma subjectiva ou intrapsíquica, no diálogo do sujeito consigo mesmo. Esta negociação tem um carácter intersubjectivo, plasmando-se no tempo e na vida quotidiana enquanto dimensão operativa. Dimensão onde se instancia a incerteza relativa às relações de género na família, por um lado; mas também, mundo onde essa incerteza e negociação ganha um carácter objectivo e prático.

De forma operativa, as práticas quotidianas do mundo familiar revelam formas de associação ora aos valores tradicionais de género, ora a uma nova matriz ideológica igualitária.

Uma das formas práticas de instanciação da incerteza na definição dos valores, identidades e relações de género é o processo de recomposição hesitante da masculinidade. Uma masculinidade que já não se revê na sua versão hegemónica, mas que não pretende com ela romper a qualquer custo. Uma masculinidade que adere a uma dimensão estético-expressiva da existência, elidindo a fronteira entre o masculino, o corpo e as emoções, mas que se percebe expectante quanto à reacção dos outros do masculino.

Referências bibliográficas

- ABOIM, Sofia (2007), “Clivagens e continuidades de género face aos valores da vida familiar em Portugal e noutros países europeus”, em Karin Wall e Lúcia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS.
- ARCHER, Margaret (1995), *Realist Social Theory: The Morphogenetic Approach*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BOURDIEU, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta.
- BUTLER, Judith (1993), *Bodies that Matter*, Nova Iorque e Londres, Routledge.
- BUTLER, Judith (1999), *Gender Trouble*, Nova Iorque e Londres, Routledge.
- CONNELL, R. W. (1987), *Gender and Power*, Stanford, Stanford University Press.
- CONNELL, R. W. (1998), “Masculinities and globalization”, em *Men and Masculinities*, vol. 1, nº 1, pp. 3-23.
- CONNELL, R. W., e James W. MESSERSCHMIDT (2005), “Hegemonic masculinity: rethinking the concept”, em *Gender and Society*, vol. 19, nº 6, pp. 829-859.
- ESPING-ANDERSEN, Gøsta (2002), *Why We Need a New Welfare State?*, Oxford, Oxford University Press.
- GIDDENS, Anthony (1996), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta.
- GIDDENS, Anthony (2001), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- GORNIK, Janet, e Marcia K. MEYERS (2004), “Welfare regimes in relation to paid work and care”, em Janet Zollinger Giele e Elke Holst, *Changing Life Patterns in Western Industrial Societies*, Amesterdão, Elsevier Science Press.
- GROSZ, Elizabeth (1999), “Thinking the new: of futures not yet unthought”, em Elizabeth Grosz (org.), *Becomings: Explorations in Time, Memory, and Futures*, Nova Iorque, Cornell University Press.
- HALL, Edward T. (1989), *The Dance of Life: The Other Dimension of Time*, Nova Iorque, Anchor Books.
- HALL, Edward T. (1994), *A Linguagem Silenciosa*, Lisboa, Relógio D'Água.
- IRIGARAY, Luce (1985), *This Sex Wich Is Not One*, Nova Iorque, Cornell University Press.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2004), *L'Invention de Soi*, Paris, Armand Colin.
- KAY, Tess (2006), “Where's dad? Fatherhood in leisure studies”, em *Leisure Studies*, vol. 25, nº 2, pp. 133-152.
- KIMMEL, Michael S. (1987), “Rethinking ‘masculinity’: new directions in research”, em Michael S. Kimmel, *Changing Men: New Directions in Research on Men and Masculinities*, Londres, Sage.
- LUPTON, Deborah, e Lesley BARCLAY (1997), *Constructing Fatherhood: Discourses and Experiences*, Londres, Sage.
- MAFFESOLI, Michel (1998), *Elogio da Razão Sensível*, Petrópolis, Vozes.
- MAFFESOLI, Michel (sem data), *O Conhecimento do Quotidiano*, Lisboa, Vega.
- MARTINS, José de Souza (1996), “A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico”, em José de Souza Martins, *(Des)Figurações: A vida Cotidiana no Imaginário Onírico da MetrÓpole*, São Paulo, Hucitec.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (2003), *Phenomenology of Perception*, Londres, Routledge.
- PAIS, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar.

- PAIS, José Machado (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS.
- PAIS, José Machado (2003), “The multiple faces of the future in the labyrinth of life”, em *Journal of Youth Studies*, vol. 6, nº 2, pp. 115-126.
- SCHUTZ, Alfred (1984 [1932]), *The Phenomenology of the Social World*, Evanston, Northwestern University Press.
- SEIDLER, Victor J. (1997), *Man Enough: Embodying Masculinities*, Londres, Sage.
- SPURK, Jan (2004), “Simultaneity within Non-simultaneity? Continuity, rupture, emergence – on the temporal dynamic of social formation”, em *Time and Society*, Vol. 13, nº1, pp: 41-49.
- TORRES, Anália (2004), *Vida Conjugal e Trabalho: Uma Perspectiva Sociológica*, Oeiras, Celta.